

APRESENTAÇÃO

Este número especial será dedicado às literaturas orais e populares dos países de língua francesa. Narrativas tradicionais e contemporâneas, patrimônio imaterial e patrimônio vivo, renovação do conto e das artes da voz, histórias populares e histórias de vida estão dentro das perspectivas que se pretende contemplar.

O leitor irá se deparar com manifestações literárias advindas de diversos países que têm o francês como primeira ou segunda língua. O destaque será dado, contudo, a autores quebequenses convidados a apresentar suas discussões no âmbito das oralidades.

Bertrand Bergeron, etnólogo quebequense, em seu “Autour de Fred Pellerin”, propõe-se não simplesmente a inventariar a obra do referido escritor, a qual encontra-se em constante evolução, dada a pouca idade do autor – mas em descrever e analisar a movência social e artística em que ela se inscreve.

Já Jean Du Berger, etnólogo e professor aposentado da Universidade Laval, em seu artigo intitulado “A última viagem ao país do imaginário da América francesa”, relata a viagem de seu ancestral, Jean-Baptiste Du Berger, ocorrida em 19 de novembro de 1764. A reflexão vai retomar a rota do imaginário da América francesa para revisitar os lugares de fala, saudar os contadores e as contadoras e assistir ao circuito dos heróis dos contos e das personagens das lendas; o pesquisador objetiva “retornar ao país da memória para tomar a palavra como se bebe da raiz”.

Do Quebec, passamos ao Haiti. Maximilien Laroche, professor de literatura aposentado da Universidade Laval, nos traz “Vodu: o *Ounfò* revisitado”. O autor resume, em seu artigo, uma visita a uma exposição em Nova Iorque sobre o vodu haitiano e as reflexões suscitadas em relação ao vodu tal como é entendido no Haiti e além desse país.

Para discutir oralidade e literatura no Haiti, contamos com as reflexões da professora Normélia Parise. Em “Literatura e oralidade no Haiti. A poesia em crioulo de Georges Casteira”, a autora sugere uma aproximação entre oralidade e literatura no Haiti, focando na produção poética em crioulo de Georges Casteira.

Das Antilhas viajamos para a África. Paula Souza Dias Nogueira expõe uma reflexão acerca da questão da identidade na obra *Mémoires de porc-épic*, do escritor congolês Alain Mabanckou. Como ponto de partida, a pesquisadora apresenta uma contextualização dos

autores francófonos da segunda geração pós-colonial para, em seguida, examinar as principais características de Mabanckou.

Em “Teseu, o labirinto e seu nome: sobre o lugar de enunciação às literaturas africanas contemporâneas”, o professor Alcione Correa Alves propõe-se a analisar o texto de Nimrod “La nouvelle chose française: pour une littérature décolonisée”, na obra coletiva *Pour une littérature-monde* (2007), assim como a leitura que Léopold Sédar Senghor apresenta ao *Orphée noir*, de Jean-Paul Sartre.

Ainda em terras africanas, Maria Suzana Moreira do Carmo, em seu “Romance africano de língua francesa: implicações do novo código e matriz tradicional”, procura, a partir do exame das matrizes das literaturas africanas, avaliar os elementos da história recente da África ocidental, que propiciaram o surgimento dos romances africanos de língua francesa.

Maria Aparecida de Barros, em seu artigo “Palavras: denúncia à violência e ecos identitários em *Nga Fefa Kajinvunda*, de Boaventura Cardoso”, analisa a obra de contos *Dizanga dia Muenhu*, do autor recém-citado, editada em 1977. A autora confere destaque ao fato de o escritor não ter se disposto a traduzir o título do livro, evento que suscita a hipótese de que cabe ao leitor investigar o termo em quimbundo, grupo etnolinguístico do povo banto, estética de valorização à cultura de tradição oral africana.

Fechamos a sessão temática com dois artigos. Primeiro, “Peias e Espartilhos: sátira popular à moda francesa na Primeira República”, no qual Francisco Marques e Esequiel Silva destacam que, nas primeiras décadas da República, as ruas das principais capitais brasileiras, sobretudo do Rio de Janeiro e do Recife, reurbanizadas nos moldes da Paris haussmanniana e bafejadas pela febre de cosmopolitismo em que investia a Europa, ofereciam-se às mulheres como passarelas onde podiam exhibir seus modelos imitados ou importados, principalmente de Paris.

Em seguida, o artigo de Ana Rossi, expõe uma reflexão relativa ao projeto de escritura a partir do poema da autora intitulado “historiographies premières” e desenvolve uma reflexão epistemológica que, questionando o campo historiográfico, institui a voz e a

oralidade como elementos fundamentais para a construção de um novo tipo de conhecimento a respeito da realidade brasileira.

Na sessão livre, destacamos textos que se enquadram no escopo da revista: estudos de oralidade e culturas populares; textos oriundos de abordagens culturais ou multiculturais e que partam de diferentes campos de estudos, como Literatura, Antropologia, Ciências Sociais, Psicologia, História e Linguística serão aqui contemplados.

Alexandre Ranieri, em “A formação do acervo IFNOPAP: método ou prática?”, objetiva tratar do método entrevista do projeto IFNOPAP a partir do documento *Achegas para técnica e ética de coleta*, com vistas a analisar os procedimentos adotados à luz tanto de folcloristas como Renato Almeida (1965) e Oswaldo Cabral (1954) quanto de pesquisadores contemporâneos, como Maria Eneida Almeida e Sonia Queiroz (2004) e Frederico Fernandes (2003). O artigo faz parte da tese de doutorado do autor, ainda em andamento e na qual ele faz uso de autores importantes, a exemplo de Marshall Macluhan (1972), Walter Benjamin (2001) e Paul Zumthor (2010), dentre outros.

Danieli dos Santos Pimentel e Josebel Akel Fares, em “O lugar das poéticas orais”, atrelam a escrita do artigo aos seus interesses para com as pesquisas envolvidas com as poéticas orais. No referido artigo, as autoras se debruçam, sobre a tentativa de refletir a respeito de um tipo de abordagem observada ao longo do texto e apresentam, de forma didática e teórica, os percursos trilhados no decorrer da pesquisa.

Das metodologias e aplicabilidades passamos à performance propriamente dita, enfatizada no texto “Voz, visualidade e texto: diálogos poéticos possíveis a partir do trabalho artístico *From the forest/ Da floresta*, de Luana Costa e Hedi Jaansoo”. Em sua análise, a autora pretende aprofundar as investigações realizadas durante o processo de criação da obra *From the Forest/Da Floresta*, trabalho sonoro e visual criado por ela em conjunto com Hedi Jaansoo (Bergen) durante a disciplina do curso de Pós-Graduação “Voz, Texto, Coletividade”, ofertada pela UERJ e ministrada por Ricardo Basbaum, no Brasil, em parceria com Brandon LaBelle, professor da Academia de Belas-Artes da Noruega.

Outra forma de performance é retratada por Naelza Wanderley, a partir das rimas e versos nordestinos. No artigo “A matéria carolínea no sertão: a cavalaria em rimas e versos

nordestinos”, a pesquisadora propõe-se a desenvolver uma leitura comparativa a partir do texto português *A História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, enquanto “mediador” entre a matéria carolínea em terras brasileiras e poemas pertencentes à literatura de cordel nordestina.

Nilce Camila de Carvalho, no artigo “O assassino do aqueduto e sua representação na literatura popular portuguesa”, apresenta a história de Diogo Alves, um célebre bandido português do século XIX, que ficou conhecido como “O assassino do Aqueduto das Águas Livres de Lisboa”. A autora procura, neste artigo, refletir sobre a personagem, seus crimes e sua lenda, discutindo as suas representações literárias e as explícitas intenções dos autores.

Gisane Santana e Maria de Lourdes Netto Simões, no artigo « Vozes poéticas : performance e memória nas narrativas cotidianas do Rio do Engenho (Ilhéus / Bahia) », objetivam analisar as narrativas orais do Rio do Engenho, que são produzidas no cotidiano da comunidade, nas suas práticas simbólicas, a partir de um estudo desenvolvido interdisciplinarmente no espaço da Literatura Comparada onde são estabelecidas convergências conceituais da teoria e crítica literárias, da nova história e dos estudos da cultura.

Encerrando a Sessão Livre, Samuel Frison, em “Clarice Lispector: oralidade, fabulação e recriação em doze lendas brasileiras”, *Como nasceram as estrelas*, investiga as marcas da oralidade presentes na literatura infanto-juvenil de Clarice Lispector. Além disso, o autor pretende recuperar historicamente a recriação das fábulas contidas no volume *Doze Lendas Brasileiras*, publicado em forma de calendário no ano de 1977 e, posteriormente, lançado em forma de livros infantis, com reedições até a contemporaneidade. Por fim, recupera a face contadora de histórias da escritora, sua capacidade de fabulação e ligação afetiva com o leitor mirim, bem como inúmeras confluências culturais na recriação de histórias conhecidas do nosso folclore.

Boa leitura!

Mauren Pavão Przybylski e Sylvie Dion